

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

SOBRE SER VELHO,

ou uma crônica sobre o silêncio e a negação da velhice

ÂNGELA RODRIGUES GURGEL

Autora de Ensaio Poético e Confissões Crônicas, idealizadora da confraria Café & Poesia.

angelarguel@gmail.com



Ao contrário de muita gente, nunca tive medo de envelhecer e não tenho nenhum problema em ser chamada de velha ou senhora. Se buscarmos no dicionário o significado de velho, vamos encontrar palavras como: incapaz, arcaico, acabado, deteriorado, usado, antiquado, ultrapassado etc. Para velhice encontramos os seguintes significados: senilidade, idade, antiguidade, vetustez. Talvez nasça aí o “preconceito” contra ser velho, afinal quem quer ser considerado inútil, arcaico, incapaz?... Por outro lado, não adianta buscar termos como idoso, ancião etc. para nominar as pessoas longevas; independente do termo usado, continuaremos “velhos”.

A busca pela eterna juventude marca toda a história. Queremos vida longa, mas envelhecer? Nem pensar. E, assim, vão sendo criados termos como: crianças da terceira idade, velho com espírito jovem etc. Tudo em nome de não ser velho. Não tenho nada contra quem não aceita ser chamado de velho, cada um vive de acordo com o que lhe faz bem, porém fico irritada quando tentam me proibir de “ser velha”. Como negar o óbvio? A idade, somada à geografia do corpo, já fala por si. As rugas e os fios de cabelos brancos são apenas algumas das muitas testemunhas da passagem do tempo.

Entendo e aceito, numa boa,

para usar um termo moderno, que, mesmo sendo sinônimo de fragilidade e limitações, a velhice é uma fase como outra qualquer e pode, se nos permitirmos, trazer novas descobertas. Ela não nos torna incapaz. O que precisamos é aprender a extrair as lições, aprender coisas novas e não parar de sonhar. Não podemos deixar que, eclipsados pela ilusão da eterna juventude, sejamos destruídos pela “sentença” da inutilidade. Não podemos nos esquecer de que somos testemunhas de um período da história desconhecida para os mais jovens. Por mais que nesta fase sejamos convidados a ser apenas testemunhas silenciosas de um tempo distante, precisamos marcar nosso espaço de memórias e continuar vivendo. Cada dia sendo uma página que pode ser preenchida com novas histórias, novos aprendizados e descobertas.

É natural, nesse período da vida, irmos perdendo as pessoas que amamos, seja para vida ou para morte. Assim como nós um dia fizemos nossas escolhas e nos distanciamos de amigos e familiares, também eles partem para outros lugares, outras vidas, outras aventuras. Ciclos se encerram para dar lugar a outros. E está tudo bem. A velhice não precisa ser tão pesada, embora tudo pareça ganhar um novo peso. Há uma sutil beleza



no caminhar mais lento, no falar mais manso, no olhar mais demorado. É preciso aceitar que o silêncio que nos acompanha foi muitas vezes desejado durante as balbúrdias que nos perturbavam em outras épocas. Que a quietude trazida pelas muitas ausências está povoada de lembranças, experiências vividas ou sonhadas, uma espécie de resistência à passagem do tempo, um lembrete de que a vida ainda pulsa dentro de nós e precisa ser vivida intensamente.

Sim, a velhice pode ser um capítulo vibrante, repleto de pequenas alegrias. Não importa a idade: o amor, as memórias, a

música e a poesia são eternos; e, “só por isso”, já merecem uma celebração.

Precisamos continuar buscando a sabedoria, tantas vezes atribuída aos idosos, para sermos um pouco de luz no caminho daqueles que estão dispostos a continuar caminhando conosco. O meu grande desafio é não permitir que as barreiras construídas em torno dos velhos me tornem uma pessoa amarga. Quero continuar sendo surpreendida pelos pequenos detalhes que tanta beleza acrescentam aos nossos dias. Não quero ser engolida pelo abismo do medo da morte ou da moribunda solidão a que muitos

de nós somos relegados. Quero continuar ajudando a construir pontes que me levem ao sagrado mundo das invenções e infinitas possibilidades de continuar vivendo, sendo grata por cada respiro, por cada amanhecer.

E, quando um dia, finalmente o sol de minha existência fizer seu crepúsculo derradeiro, eu possa ser uma doce lembrança na vida daqueles que cruzaram o meu caminho. Que esta velha senhora possa ser mais que uma fotografia desbotada em um álbum esquecido em algum lugar onde a luz da vida não alcança e nunca revisitado pela saudade dos que ficaram.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685